

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Rede Fala
A mulher na
escola de samba

Quem
administra
o seu tempo?



ISSN 1676-5141

9 771676 514122 00012

Editorial	4
Perspectivas 2003	
Cartas	5
Coleção, Música e Destaque	
Ponto e Contraponto	6
A educadora Magda Soares defende o uso do livro didático	
Zoom	10
Professores da Rede dão sua opinião sobre a revista Nós da Escola	
Olho Mágico	12
Equipe do site da MULTIRIO	
Atualidade	13
Rio terá Museu Guggenheim	
Pé na Estrada	15
Avaliação no sistema de ciclo e dinâmica de trabalho são temas debatidos em curso de capacitação	
Capa	18
A difícil tarefa de administrar o tempo	
Professor On-line	25
Dicas de cursos de mestrado e de doutorado	
Carioca	26
Planetário da Gávea é boa opção de programa cultural	
Caleidoscópio	28
Programas e produtos da MULTIRIO que podem ser aproveitados na sala de aula	
Rede Fala	32
Irmãs de samba: o papel da mulher no universo da escola de samba, por Lúcia Maria Martins, da Escola Municipal Silveira Sampaio	
Tudoteca	34
Informações sobre filmes, vídeos, livros e agenda de eventos de interesse do professor	



Empresa Municipal de Múltimesos Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
 CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidori@multirio@pcrj.rj.gov.br
 Central de atendimento: (21) 2528-8282 • Fax: (21) 2537-1212

Cesar Maia - Prefeito • **Sonia Mograbi** - Secretária Municipal de Educação • **Regina de Assis** - Presidente da MULTIRIO • **Maria Inês Dolorme** - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTB. 22.628) • **Élida Vaz** - Assessora de comunicação e ouvidora • **Guaíra Miranda** - Gerente de multimídia

Equipe de Produção: **Alberto Jacob Filho** - Fotografia • **Cristina Campos** - Conteúdo • **Cristina Morel** - Conteúdo • **Erick Grigorovski** - Ilustração • **Joanna Miranda** - Conteúdo • **Lúcia Barreiros** - Produção gráfica • **Marcus Tavares** - Reportagem • **Martha Neiva Moreira** - Edição • **Nancy A. Soares** - Revisão • **Eduardo Ofeliano** - Ilustração • **Suely Barreto** - Conteúdo • **Tania Oliveira** - Projeto gráfico e editoração

Fotofotos e Impressão: **Gráfica e Editora Posigraf** • Tiragem: **40 mil exemplares**



NÓS DA ESCOLA

Nossa proposta de Valorização da Representatividade para uma Educação Cidadã, apresentada em 2001, vem se materializando e tem trazido um retorno importante para nós da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.

A revitalização dos Conselhos de Diretores e Alunos de Grêmios e a criação dos Conselhos e das Comissões de Professores Regentes têm contribuído com seus olhares diversos para a discussão de questões importantes e para providências necessárias ao melhor funcionamento da escola, não somente procurando tornar o seu espaço mais atrativo, como também dotando-a de recursos humanos e financeiros apropriados, buscando a qualidade e visando ao sucesso escolar.

Neste ano de 2003, além de um Plano de Carreira, em elaboração por um grupo de trabalho plural, estamos concluindo a revisão do sistema de ciclo e redimensionando o processo de avaliação de nossos alunos, com a publicação de uma nova resolução. Desta forma, caminhamos em direção ao desafio maior que é a atualização da Multieducação, com uma grande novidade: a incorporação de orientação pedagógica para as creches públicas com alunos que vão de 0 a 3 anos e 11 meses, pela Secretaria Municipal de Educação.

Esta transformação prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96), colocando para esta faixa etária a perspectiva não só de cuidar, mas também de educar, contemplará na Multieducação um mundo novo para todos nós.

Com a transitoriedade do conhecimento neste mundo em constante transformação e com a certeza de que a escola é fundamental, como um dos elementos indispensáveis à mobilidade social, ter um quadro de professores capacitados, continuamente, cumprindo a sua tarefa de ensinar, é meta estabelecida pela Prefeitura do Rio de Janeiro no sentido de promover a escola de qualidade que queremos.



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Coleção

Todo material de qualidade comprometido com a valorização e atualização do professor contribui para o melhor desenvolvimento da minha vida profissional e pessoal. Adoro a Coleção Giramundo e fiz uma pasta com um exemplar de cada número. Quanto aos cartazes, sempre os coloco no mural da sala de leitura e já usamos um deles em um Conselho de Classe.

Professora Rita Luzia Silva 
Escola Municipal Azevedo Sodré, Praça da Bandeira,
Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - Ficamos felizes pelo trabalho desenvolvido e pela certeza de que estamos contribuindo para a qualidade da ação dos professores em sala de aula. Muito obrigado.

Momento Brasil

Na seção Caleidoscópio da revista **Nós da Escola** nº 11 informamos erroneamente que o país que produziu o programa Momento Brasil foi a França. Este programa é uma produção brasileira, da TV Escola, do Ministério da Educação.

Música

O número da coleção Giramundo desta edição tem como tema central a Música. Traz curiosidades e dicas de como trabalhar de forma criativa a música na sala de aula. Foi a professora Raquel Cristina Cardoso do Amorim, da Escola Municipal Rodolfo Garcia, localizada em Irajá, Zona Norte, Rio de Janeiro, quem sugeriu o tema. A equipe da **Nós da Escola** aprovou a ideia e agradece a participação da professora.

 Carta  Telefone  E-mail

Caro professor,

A partir deste número os cartazes que acompanham a revista **Nós da Escola** vão abordar temas ligados à Educação Infantil. O cartaz da revista 12, que inicia a série, refere-se aos objetos que encontramos com facilidade ao nosso redor e que podem ser fonte de exploração e brincadeira para crianças entre 3 meses e 2 anos. Estes materiais podem ser apresentados em sua forma bruta ou alterados pelo adulto. Agindo sobre eles é como se as crianças estivessem se perguntando: "o que eles podem fazer ou o que eu posso fazer com elas?". Importante lembrar que nestas atividades exploratórias as crianças devem estar sempre acompanhadas dos adultos.



Destaque

Sugiro que a revista **Nós da Escola** continue a fazer matérias interessantes sobre instituições da Prefeitura que realizam trabalhos relevantes nos diferentes campos de atuação - educação, cultura, saúde - e com a do número 10 sobre o Centro de Referência da Secretaria Municipal de Educação.

Claudia de Moraes Silva 
Mestranda em Tecnologia Educacional
para a Saúde

N. da R. - Professora, o objetivo da **Nós da Escola** também é destacar, sempre que possível, os trabalhos realizados por outras instituições da Prefeitura do Rio, divulgando sua importância e papel para a comunidade escolar.

Magda Soares, doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), estuda há anos a importância do livro didático no dia-a-dia do magistério. Com mais de 24 obras publicadas sobre letramento, linguagem, leitura, escrita e alfabetização, defende o livro didático na sala de aula, rebatendo enfaticamente as críticas que fazem ao seu uso. Afirma

Livro didático: contra ou a favor?

que trata-se de um erro histórico, já que o livro persistiu ao longo dos séculos, sempre presente em todas

as situações formais de ensino: “Professores e alunos, avaliadores e críticos que manipulam os livros didáticos nem sempre se dão conta de que eles são o

resultado da longa história da escola e do ensino”. O que não é aconselhável é usá-lo como uma imposição, uma prescrição que deva ser seguida passo a passo.

“O livro didático é necessário e eficaz, mas se deixar dirigir, exclusivamente, por ele, é renunciar à liberdade que o professor tem, pode e deve ter”, afirma em entrevista à **Nós da Escola**.



Embora receba várias críticas, o livro didático continua sendo um importante instrumento de trabalho. Por quê? Magda Soares - Quatro questões estão presentes na pergunta, questões fundamentais em uma reflexão sobre livro didático: primeiro, ao usar o verbo “continuar”, a pergunta revela o reconhecimento da permanência do livro didático ao longo do tempo; segundo, a pergunta caracteriza bem o livro didático, chamando-o de “instrumento de trabalho”; terceiro, a pergunta qualifica esse instrumento de trabalho que é o livro didático como “importante”, caracterização com que concordo plenamente; finalmente, a pergunta menciona as “várias críticas” que o livro didático recebe. Críticas que é necessário discutir e rebater. Acho que seria interessante comentar essas questões.

Quais são então as críticas feitas aos livros didáticos?

Magda Soares - As críticas que atualmente são feitas ao livro didático chegam a defender sua rejeição, sua eliminação das salas de aula, como se ele fosse um material didático recém-inventado, de existência ainda indefinida e perigosa, criado para oprimir e submeter os professores e enriquecer autores e editores. Um erro histórico, porque o livro didático surgiu já na Grécia Antiga - Platão aconselhava o uso de livros de leitura que apresentassem uma seleção do que havia de melhor na cultura grega; a partir daí, o livro didático persistiu ao longo dos séculos, sempre presente em todas as sociedades e em todas as situações formais de ensino. Um exemplo: “Os Elementos de Geometria”, de Euclides, escrito em 300 a.C., circulou desde então e por mais de vinte séculos como manual escolar; outros exemplos são os livros religiosos, abecedários, gramáticas, livros de história que povoaram as escolas por meio dos séculos. Ao longo da história, o ensino sempre se vinculou indissociavelmente a um livro “escolar”, fosse ele livro “utilizado” para ensinar e aprender, fosse livro propositadamente “feito” para ensinar e aprender. Professores e alunos, avaliadores e críticos que, hoje, manipulam tão tranquilamente os livros didáticos nem sempre se dão conta de que eles são o resultado de uma longa história, na verdade, da longa história da escola e do ensino.

Este vínculo do ensino com o livro didático limita o trabalho do professor?

Magda Soares - Uma das críticas feitas ao livro didático - e aqui continuo a rebater essas críticas - é que ele tira a autonomia e liberdade do professor para buscar ou criar, ele mesmo, o material e as atividades com os quais desenvolve o processo de ensino e de aprendizagem. Um dos pontos falhos dessa crítica é que ela não considera, eu até diria “não respeita”, as condições de trabalho que são dadas ao professor no Brasil, hoje. Outro ponto falho é que não é propriamente o livro didático que tira a autonomia e liberdade do professor. O professor que se deixa dirigir exclusivamente pelo livro didático está renunciando à autonomia e à liberdade que tem, que pode ter e que deve ter. Essa autonomia e liberdade estão garantidas quando o professor usa o livro didático apenas como um instrumento de trabalho, lançando mão dos textos e das atividades que o livro propõe como uma facilitação de seu trabalho: alguém -

“O livro didático surgiu já na Grécia Antiga - Platão aconselhava o uso de livros de leitura que apresentassem uma seleção do que havia de melhor na cultura grega”

o autor ou os autores do livro didático - com mais tempo, mais vagar e quase sempre mais experiência, oferece a ele suporte para a realização de sua tarefa - selecionou textos adequados, informações necessárias, ilustrações significativas, atividades apropriadas, o que exige busca, pesquisa, reflexão, coisas para as quais o professor dificilmente teria tempo ou condições.

Qual o motivo da permanência do livro didático na escola?

Magda Soares - Apesar das grandes mudanças que a escola tem experimentado ao longo do tempo, uma característica ela nunca perdeu, característica que é a sua própria essência: na escola, ações e tarefas são ordenadas e hierarquizadas, alunos são distribuídos em grupos organizados por determinados critérios - o ciclo, a série, a turma, o tempo é dividido e controlado, o trabalho obedece a determinadas regras e rituais e é avaliado; sobretudo, na escola, são ensinados e aprendidos conhecimentos, práticas sociais, habilidades e competências, selecionados no amplo campo da cultura, hierarquizados e sequenciados. Currículos, programas, materiais didáticos representam estratégias sociais e educacionais para concretizar e operacionalizar essa seleção. ▶

hierarquização e seqüênciação. Nesse sentido, o livro didático foi criado, e isso aconteceu antes mesmo de serem estabelecidos programas e currículos mínimos, como instrumento para garantir a aquisição dos saberes escolares, isto é, daqueles saberes e competências considerados indispensáveis para a inserção das novas gerações na sociedade, aqueles saberes que não é permitido a ninguém ignorar. Além disso, ele fornece ao professor textos e propostas de atividades que viabilizem a sua ação docente, o que é particularmente importante hoje, no Brasil, por causa das condições atuais de trabalho dos professores que, para sobreviver, têm ou de se ocupar com aulas em dois e às vezes até três turnos, ou de ter uma outra atividade, paralela à do magistério.

“Os números comprovam que a qualidade dos livros vem melhorando significativamente”

Desde 1995, o MEC vem desenvolvendo ações que visam à melhoria da qualidade do livro didático. A qualidade dos livros melhorou?

Magda Soares - Considero de grande importância para a educação e o ensino a ação que o MEC vem exercendo na área do livro didático: ao constituir comissões de especialistas para fixar critérios de qualidade do livro didático e para avaliar os livros oferecidos por autores e editores, o MEC presta um grande serviço tanto à escola pública, garantindo a qualida-

de dos livros entre os quais os professores podem escolher e que os alunos podem receber, por meio do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), quanto à escola privada, que conta, para orientar suas escolhas, com uma avaliação externa dos livros oferecidos no mercado. Os Guias de Livros Didáticos publicados pelo MEC após cada avaliação, com as resenhas críticas dos livros analisados, constituem uma orientação preciosa para professores, tanto da escola pública quanto da escola privada. Ao longo dos anos e das avaliações, os números comprovam que a qualidade dos livros vem melhorando significativamente: nas primeiras avaliações, uma grande percentagem dos livros encaminhados ao MEC eram ou excluídos ou não recomendados - em 1997, por exemplo, dos 511 livros para as primeiras séries do Ensino Fundamental apresentados pelas editoras, foram recomendados apenas 66; nas últimas avaliações, diminuiu muito o número de livros que as editoras submetem à apreciação e também o número de livros que as comissões rejeitam como “não recomendados”, o que indica que não só as próprias editoras vêm sendo mais criteriosas na seleção dos livros que publicam, como também autores têm reformulado seus livros ou construído novos livros atentos aos critérios de qualidade.

Quais os critérios para a escolha de um livro didático?

Magda Soares - Os Guias publicados pelo MEC apresentam os critérios utilizados para a avaliação dos livros didáticos, esses mesmos critérios podem orientar a escolha de livros por uma escola ou professor. Se a escolha for feita entre os livros avaliados e recomendados, aqueles que constam do Guia, já foram excluídos os livros que ferem critérios que não podem deixar de ser considerados: um livro didático não pode apresentar conceitos ou informações incorretas, não pode veicular preconceitos de classe, etnia, cor, gênero, etc. Para além desses critérios que valem para todo e qualquer livro, os critérios variam de disciplina a disciplina, porque cada uma tem suas especificidades. Um critério fundamental de escolha, porém, é que o livro seja coerente com a concepção que o professor tem da natureza do conteúdo que ensina e dos objetivos do ensino desse conteúdo, seja adequado às características de seus alunos e ao projeto político-pedagógico da escola. Como esses critérios se fundamentam em aspectos que são ou devem ser comuns aos professores de uma mesma escola, no caso das características dos alunos e do projeto político-pedagógico, ou comuns aos professores de uma mesma disciplina, no caso da concepção da natureza e dos objetivos da disciplina, a escolha do livro didático não pode ser responsabilidade de cada professor, não deve ser um ato individual, mas deve ser assumida pelo grupo de professores, ora da escola como um todo, ora dos professores de uma determinada disciplina; deve ser um ato coletivo.

O que explica a permanência de alguns títulos no mercado, durante décadas?

Magda Soares - É realmente um fenômeno interessante a questão do tempo durante o qual um determinado livro didático permanece no mercado. Se tomamos uma perspectiva histórica, constatamos

que esse tempo vai se tornando cada vez mais curto, ao longo das décadas. No passado, houve livros didáticos com numerosas e sucessivas edições, utilizados por 40, 50 anos nas salas de aula; um exemplo é a “Antologia Nacional”, de Fausto Barreto e Carlos de Laet: publicada em 1895, dominou, por mais de 70 anos, o ensino de Português, com sua última edição, a 43ª, em 1969. Nas últimas décadas, o número de edições de um mesmo livro didático é bem menor, seu tempo de vida nas salas de aula e, portanto, no mercado, não ultrapassa, geralmente, cinco, seis anos.

Por quê?

Magda Soares - Há várias razões para isso. Uma delas é que, enquanto até a década de 60 eram poucos os livros didáticos oferecidos no mercado, a partir dessa década, como consequência da grande expansão do número de escolas e, portanto, do número de alunos e de professores, cresce o número de consumidores do livro didático e, por causa desse novo e promissor mercado, multiplicam-se os autores, os editores e, portanto, as obras - a escolha se dispersa entre várias obras, uma obra é logo substituída por outra. Outra razão, esta talvez mais importante, é que o avanço e a mudança dos conhecimentos e habilidades no mundo contemporâneo são tão rápidos que quase se pode afirmar que o que se está ensinando hoje estará provavelmente ultrapassado no ano que vem. Sendo assim, os livros didáticos, que não podem conter conceitos ou informações que se tornaram errados ou inadequados, que devem incorporar novas concepções de aprendizagem, novas metodologias, novos recursos, costumam ficar em pouco tempo ultrapassados e saem do mercado ou são substituídos por nova versão que atualize a anterior.

Qual a diferença entre o livro didático e o paradidático? Há alguma tendência de um vir a substituir o outro, no futuro?

Magda Soares - Livro didático e paradidático são diferentes quanto a seus objetivos e suas funções. O objetivo do livro didático é apresentar uma proposta pedagógica de um conteúdo selecionado no vasto campo de conhecimento em que se insere a disciplina a que se destina, organizado segundo uma progressão claramente definida e apresentado sob forma didática adequada aos processos cognitivos próprios a esse conteúdo e ainda própria à etapa de desenvolvimento e de aprendizagem em que se encontra o aluno. Sua função, como já foi dito, é servir de suporte para o ensino, um instrumento de trabalho para professor e aluno. Já o livro paradidático tem por objetivo aprofundar ou ampliar um determinado tópico ou tema do conteúdo de uma ou mais disciplinas; sua função não é a de dar suporte ao ensino e à aprendizagem, como o livro didático, mas é a de auxiliar o ensino e a aprendizagem; uma outra diferença é que, enquanto o livro didático é concebido para um uso sobretudo coletivo e, de certa forma, obrigatório, o paradidático é concebido para uma leitura individual e frequentemente facultativa. Quanto à segunda parte da pergunta - se há tendência de o paradidático substituir o didático - eu diria

que não; o livro didático tem objetivos e funções indissolúvelmente ligados à própria essência e natureza da escola e do ensino, como comentei anteriormente, não pode ser substituído por um material que tem objetivos e funções bem diferentes; o paradidático certamente contribui na busca dos objetivos e no desempenho das funções que tem o livro didático, mas não tem condições de substituí-lo. Mas convém lembrar que os paradidáticos, que se multiplicaram nas últimas décadas, vêm oferecer aos professores uma valiosa alternativa, entre as muitas e várias outras de que eles dispõem, para que não se limitem ao livro didático, exerçam sua autonomia e liberdade para ir além dele, enriquecê-lo e ampliá-lo.

“Não é propriamente o livro didático que tira a autonomia e liberdade do professor”

Por que o Brasil comemora o Dia Nacional do Livro Didático?

Magda Soares - Em um país que tem um pouco a mania dos “dias nacionais” para comemorar as mais diferentes coisas, não poderia deixar de existir um Dia Nacional do Livro Didático, como forma de reconhecer e valorizar esse tipo de livro que vem sendo, como defendi ao longo desta entrevista, um fundamental instrumento de trabalho para o ensino e a aprendizagem escolar, um importante coadjuvante da formação das novas gerações, uma contribuição significativa ao trabalho do professor. ■



A **Nós da Escola** chega à 12ª edição comprometida com a valorização dos professores da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Desde o primeiro número, a publicação tem o objetivo de se valer da palavra escrita para propor uma outra maneira de organizar e potencializar o ato criativo, buscando registrar, no tempo e no espaço, sentimentos, idéias, projetos, dúvidas e hipóteses.

Com a palavra, o professor

Inicialmente, a revista teve como eixo editorial as Diretrizes Curriculares Nacionais. Em seguida, abordou temas de interesse do dia-a-dia do magistério como a história da Educação Infantil, a avaliação escolar e a relação família e escola.

Neste ano, continuaremos no mesmo caminho, mas queremos contar com a participação de vocês, professores. Na última edição, enviamos um questionário para ouvir a sua opinião e colher sugestões. Cada resposta e comentário serão analisados e levados em conta na produção das próximas revistas. Reunimos, a seguir, idéias e reivindicações de alguns professores ouvidos pela equipe da **Nós da Escola**.



“Acho que cada seção dá conta do que se propõe. É a diversidade

que faz a revista ser interessante. Penso que reportagens sobre a importância dos ciclos e sobre os projetos das escolas da Rede seriam boas pautas. Todo material produzido para o professor com a intenção de ampliar nosso conhecimento faz-nos sentir valorizados. É claro que a valorização pessoal/profissional não passa somente por isso, mas já é um caminho. Quem sabe se para este ano não fazemos dessa revista um forte instrumento para uma maior valorização? Em uma sociedade onde vale o que está escrito, contar com uma revista mensal a nosso favor é sempre bom. Quem sabe se participando mais, exercitando o poder de vez e voz poderemos resgatar e estruturar na escola.... nós! Em maio do ano passado, a coleção Giramundo falou sobre jogos que podiam ser trabalhados em Matemática. Achei sensacional a idéia, principalmente porque as propostas lidam com a lógica e a argumentação das respostas encontradas.”

Professora Andréia Cristina da Silva Soares
Escola Municipal Pérola Byington, Vargem Grande, Zona Oeste, Rio de Janeiro.

“As seções Ponto e Contraponto e Atualidade são as minhas preferidas, pois trazem entrevistas e sugestões enriquecedoras para a prática pedagógica. Os artigos sempre têm algo construtivo. A leitura é animadora e agradável. O Cartaz e o Giramundo me auxiliam bastante também. Já utilizei as sugestões na minha turma de progressão.”

Professora Suzel Serra Lima
Escola Municipal Uruguai, São Cristóvão, Zona Norte, Rio de Janeiro.



“A revista nos insere em tudo o que está acontecendo. Ela é portanto um instrumento fundamental de leitura e enriquecimento para o professor. Muitos dos aspectos das nossas ações pedagógicas foram explicitados nos artigos. Para este ano, acho que ela poderia retratar o problema da violência em nossas escolas, a questão das drogas e como nós, professores, podemos trabalhar os limites de nossos alunos.”

Professora Eliana Alves Barbosa
Escola Municipal Luiz César Sayão Garcez, Olaria, Zona Norte, Rio de Janeiro.

“Gosto bastante da matéria de capa, pois sempre trata de assuntos que contribuem para o aumento dos meus conhecimentos. Já utilizei também o conteúdo do Giramundo quando abordou o tema jogo da amarelinha. Por meio deste jogo, os alunos entraram em contato com contagem, sequência numérica, reconhecimento de algarismos, comparação de quantidades e expressão corporal. Gostaria de sugerir que o próximo número da coleção Giramundo falasse sobre o uso da música na sala de aula.”

Professora Raquel Cristina Cardoso do Amorim
Escola Municipal Rodolfo Garcia, Irajá, Zona Norte, Rio de Janeiro.



“Saber que existe uma publicação totalmente voltada para minha classe não me faz sentir que sou apenas mais uma na multidão, mas, sim, integrante da classe mais importante que existe: a de educadores. Acho muito interessante a forma como são abordadas as situações cotidianas de nossa profissão feitas pelas histórias em quadrinho, na seção Vida de Professor. Gostaria que temas ecológicos e sociais também fossem tratados pela revista **Nós da Escola**.”

Professora Carmem Lúcia Costa dos Santos
Escola Municipal Otávio Kelly, Pavuna, Zona Norte, Rio de Janeiro.

Lugar do professor na web

Site da MULTIRIO divulga experiências desenvolvidas nas escolas da Rede

Desde o ano passado, o site da MULTIRIO vem se definindo como espaço do professor na internet. A atualização dos profissionais da Rede Municipal de Ensino do Rio e a divulgação das experiências pedagógicas desenvolvidas nas escolas são os objetivos do site.

O conteúdo é produzido buscando-se conciliar a linguagem jornalística e os recursos da web. Apresentando material pertinente ao universo escolar, o site objetiva colaborar com o trabalho do professor - tanto em relação à forma como se abordam os temas quanto ao uso da internet, convidando-o à navegação e orientando-o. "Não se trata de um site de conteúdos, como um livro didático na web, nem um noticiário sobre Educação", complementa Eliane Bardanachvili, editora do site. "A idéia é transformar o espaço em uma fonte de dados e constituição de conhecimentos para a comunidade escolar".

A equipe do site é composta por jornalistas e *designers* conta com o apoio, a orientação e a consultoria de professores da Secretaria Municipal de Educação (SME), na escolha e no encaminhamento das pautas. Além de destacar datas do calendário trabalhadas pelas escolas, a proposta do site também é a de debater temas ligados ao dia-a-dia da comunidade escolar, como a questão das drogas, o papel da família na educação de crianças e adolescentes, a importância da formação dos Conselhos Escola-Comunidade, o preconceito, bem como a relação entre escola e mídia.

Canal de informação - Os temas são elaborados de modo a oferecer ao professor-internauta subsídios ao seu trabalho com os alunos. No item *Saiba mais* é sempre apresentada uma lista de livros, sites, vídeos e sugestões de passeios e visitas que aprofundam o assunto. Já o link *Na sala de aula* traz sugestões de atividades para os professores. Há também relatos de experiências bem-sucedidas realizadas nas escolas municipais. Assim, longe de oferecer um produto acabado, o site busca criar canais de informação para o trabalho do professor.

O espaço também tem o objetivo de reunir e apresentar a produção de professores e alunos da rede. A partir de alguns trabalhos desenvolvidos na escola, a equipe produz o conteúdo daquela semana. O uso da

imagem e do som tem propíciação de divulgação dessa produção. Rádios escolares, jornais, fotografias, entre outros trabalhos realizados nas escolas, estão no site.

Notícias institucionais e informação atualizada sobre a programação da TV, com dias, horários e sinopses, orientando o professor na montagem de sua videoteca, também estão presentes. É possível encontrar ainda a íntegra das publicações da empresa voltadas para os professores, como a revista *Nós da Escola*.

Muitas mudanças ainda serão realizadas, com o objetivo de aperfeiçoar o site. A idéia não é só manter a linha pedagógica, mas abrir outros canais, como um destinado à família, que será dividido em três áreas: crianças, jovens e responsáveis. "Uma vez que a MULTIRIO visa direcionar suas produções não só para os professores, mas também para os alunos e suas famílias, o site destinará área específica para este público. A área deverá ganhar, gradativamente, destaque, à medida que seu perfil for se consolidando e os produtos forem concretizados", afirma Eliane Bardanachvili. ■



Quem é quem

Eduardo Meirelles - Diretor de Informática
Eliane Bardanachvili - Editora do site MULTIRIO
Fábio Caputo - Gerente de Informática Corporativa
Antônio Castro - Assessor artístico do Núcleo de Informática
Ana Carolina Oliveira - Designer

Luciano Bevilacqua - Designer
José Henrique Jacob - Programador web
Paulo Rogério - Programador web
Alberto Jacob Filho - Fotógrafo
Claudia Rabelo Lopes - Repórter
Marcus Tavares - Repórter

Destaque para a arte brasileira

Para o arquiteto Jean Nouvel, tradição histórica do Rio foi determinante na criação do projeto

Uma catedral para as artes plásticas. É desta forma que pode ser definido o museu Guggenheim-Hermitage-Kunsthistorisches-Rio, que deverá ser construído no Pier da Praça Mauá, Zona Portuária do Rio de Janeiro. O espaço estabelecerá o intercâmbio cultural entre os acervos do Museu Guggenheim de Nova Iorque, nos Estados Unidos; o Hermitage, de São Petersburgo, na Rússia; e o Kunsthistorisches, de Viena, na Áustria. Com o projeto, o Rio de Janeiro torna-se a sexta cidade do mundo a receber um Museu Guggenheim, que já possui filiais em Bilbao, Nova Iorque, Las Vegas, Veneza e Berlim.

Jean Nouvel, autor do projeto arquitetônico da filial carioca, esteve pessoalmente na cidade para avaliar a construção do espaço. Em entrevista exclusiva à apresentadora Kátia Chalita, do programa "Rio, a Cidade!", da MULTIRIO, ele disse que o relevo e a tradição histórica do Rio de Janeiro foram determinantes para a escolha da cidade (ver entrevista).

Antecipou que o cais do Rio será ampliado e transformado em local de passeio. E mais: que serão construídos uma minifloresta, um centro de arte-mídia e espaços exclusivos para as artes brasileira e internacional. Algumas áreas do museu estarão cobertas pela água, dando ao conjunto a impressão de uma construção que emerge do mar. O projeto de iluminação do Guggenheim será valorizado por detalhes arquitetônicos.

Thomas Krens, presidente da Fundação Solomon Guggenheim, destaca que a construção do museu é uma oportunidade ímpar e inquestionável para a cidade do Rio de Janeiro: "O Guggenheim não será importante apenas para o Rio, mas para o mundo da arte. Suas características, a dinâmica de seus espaços, sua capacidade de comportar várias mídias, das artes plásticas ao *design* e ao cinema, são únicas na cadeia Guggenheim e, eu diria, no mundo. Sem falar na produção local que entrará mais forte no circuito de nosso museu e no de seus associados. Não vamos exportar arte para o Rio. Vamos, sim, trocar arte com o Brasil".

(mais Guggenheim na página 30)



Para saber mais sobre o Museu Guggenheim, acesse:

- MULTIRIO - www.multirio.rj.gov.br
- Fundação Solomon Guggenheim - www.guggenheim.org
- Kunsthistorisches Museum Vienna - www.khm.at
- The State Hermitage Museum - www.hermitagemuseum

Você sabia que...

...o primeiro museu Guggenheim foi fundado em Nova Iorque, em 1939, por iniciativa de Solomon Guggenheim e Hilla Rebay, com a proposta de apresentar novas formas de arte em um espaço que acompanhasse a modernidade das obras. Chamava-se, na época, Museu de Pintura Não-Objetiva. Funcionou em um salão de exposições de automóveis, até ser construído o prédio onde está instalado desde 1959, recebendo, então, o nome que homenageia seu fundador.

...em meados da década de 1970, o Palazzio Venier dei Leoni, em Veneza, Itália, e toda a sua coleção de arte moderna foram doados à Fundação Solomon Guggenheim, dando início à expansão da instituição, que ganharia, assim, sua primeira representação em um outro país. Atualmente, além de Nova Iorque e Veneza, há museus Guggenheim em Berlim, Alemanha, em Bilbao, Espanha, e em Las Vegas, também nos Estados Unidos.

...a história do Hermitage remonta ao século XVIII. Entre as mais de três milhões de obras de seu acervo, estão preciosidades de mestres como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rodin. Já o Museu Kunsthistorisches, de Viena, abriga coleções de alto valor artístico, histórico e arqueológico, com obras de arte egípcia e do Oriente Médio, Grécia, Roma Clássica e Europa renascentista. Um dos destaques é a coroa imperial romana que foi usada pelos césares.

Geografia da cidade impressiona arquiteto

Kátia Chalita - O que mais o impressionou na cidade do Rio de Janeiro e, em especial, na região onde será instalado o museu?

Jean Nouvel - Na cidade, sem dúvida, o seu relevo, mas, sobretudo, as conseqüências desse relevo: isto é, a divisão da cidade em vários bairros, os grandes túneis e, principalmente, essas enormes florestas urbanas, nas quais não se penetra. No local, o que mais me impressionou foi algo que surpreende quem chega ao lugar: aquelas duas ilhas, lembrando um pouco Veneza, cercadas por barcos militares, são duas ilhas militares que teremos como vizinhas. Em seguida, aquela ponte muito, muito grande, com a sua corcova, e, atrás da ponte, todas aquelas grandes embarcações, aguardando como se fossem uma armada... É realmente impressionante!

A relação do Rio de Janeiro com o seu passado determinou a concepção deste projeto?
Com certeza. Primeiro, na escolha do local, pois havia a opção de vários lugares, mas eu realmente quis que fosse ali, porque ali estão as raízes do Rio. Quando vemos o convento, ali do lado, uma das primeiras construções religiosas da cidade, com uma visão incrível daquele lugar! Eu gosto do fato de ser um projeto comprometido, de ser um trunfo na revitalização completa do porto e dos bairros vizinhos.

Aliás, é esse o objetivo, não é?

Sim, é claro. Falamos muito sobre essa ancoragem, a continuidade do cais, ao longo do píer, em relação ao conjunto de armazéns, as gruas que serão recuperadas, os armazéns que serão restaurados, as novas utilizações de seu interior... Em seguida, as intervenções atrás dos armazéns, com as novas moradias, além de vários projetos, como o de destinar galpões para a indústria do carnaval; enfim, sinto que tudo isso faz parte do coração da cidade.

Qual é a diferença entre o Guggenheim-Rio e os demais Museus Guggenheim?

A grande diferença é que esse está no Rio e vai valorizar as singularidades do Rio. Outra diferença é que este é o primeiro

museu dessa importância no Hemisfério Sul. Portanto, para os artistas brasileiros, é um formidável 'alto-falante', já que boa parte do acervo será composto por obras de artistas brasileiros. Acredito que um museu como este é, de fato, um 'amplificador' para os artistas brasileiros, mas também para os artistas sul-americanos, no grande concerto internacional que representa, hoje, a arte contemporânea.

Há os que falam da semelhança do museu com um barco e dizem que o museu estará submerso. Será que não se poderia interpretar ao contrário, como algo que emerge, que renasce?

É o que eu ia dizer: não podemos deixar que pensem que estamos fazendo algo dentro do mar. Seria totalmente claustrofóbico! O que se propõe ali é uma espécie de pequena ponte no porto, uma pequena cidade dentro da cidade, uma arqueologia inversa ou virtual, como se algo tivesse existido lá antes e nós só descobríssemos agora. Só que o que estamos descobrindo é rigorosamente contemporâneo.

O senhor costuma aproveitar os elementos particulares da cidade em seus projetos.

No caso do Rio de Janeiro, quais são os elementos que o senhor aproveitou?
O cais é um lugar para se passear e eu sei que os cariocas gostam de passear na beira do mar. Ali faremos um lugar para se passear, será possível dar a volta no cais, esse cais que é como um dedo no mar, com 450 metros de comprimento. Entra-se no porto e pode-se passear em volta do cais. E como o relevo do Rio me impressionou, o fato desse jardim estar lá no fundo, como uma concha, com sua vegetação tropical e uma cascata que cai do mar dentro dele, é, na realidade, o prolongamento do relevo da cidade até o porto e o mar. Portanto, é um sinal muito forte de que ele pertence à cidade.

Qual será a contribuição do Museu Guggenheim para uma cidade como o Rio que já possui tantos atrativos?

Uma cidade que pára de produzir vida e arquitetura é uma cidade em decadência. Não é porque vocês têm coisas extraordinárias que deixarão de desejar ter outras. Todas as cidades, por mais dinâmicas que sejam, devem continuar a alimentar seus recursos e seus atrativos. Portanto, é importante que o Rio também possua testemunhos do início do século XXI, como existem os de antes. Na verdade, não existe concorrência entre o que estamos fazendo e os seus grandes símbolos atuais. Há, talvez, algo a mais.

(entrevista concedida a Kátia Chalita, no programa "Rio, a Cidade!", nº 328)



Outros nós a desatar

Concepção de ciclo já não é mais mistério para professores da Rede

O ano 2000 foi um marco para alunos e professores da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Nesta época, a então secretária municipal de Educação, Carmem Moura, implantava o 1º Ciclo de Formação do Município do Rio de Janeiro. Foram atingidos pela medida seis mil professores e 139.306 alunos, reunidos em 6.533 turmas.

Poucos professores, na época, sabiam o que era ciclo e que benefícios havia em se trabalhar com uma nova perspectiva de espaço e tempo escolar. Entre os 450 que, naquele ano, frequentaram o primeiro curso de formação continuada sobre o sistema de ciclo, oferecido pelo Departamento Geral de Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME), essas questões eram recorrentes. "Quando o curso começou o ciclo estava caindo de pára-quadras em nossa cabeça", lembra Marcelo Fernandes, professor da Escola Municipal Maestro Heitor Villa Lobos, em Santa Cruz.

Três anos se passaram, três capacitações já aconteceram (2000, 2001 e 2002) e grande parte dos professores já sabem responder o que é ciclo. Além disso, eles já reconhecem a importância de a SME ter adotado o sistema para turmas de crianças entre 6 e 8 anos. Uma evolução na opinião da equipe da Diretoria de Ensino Fundamental (DEF), responsável pela organização do curso de formação.

"A concepção de ciclo já foi mais gritante para os profes- ▶



Turmas de 2º e 3º ano de ciclo, do Cmp. Agostinho Neto, Humaitá, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ)

sores. Eles estão, agora, em uma outra fase, mais voltados para as questões que envolvem sua dinâmica de trabalho”, afirma Maria de Fátima Gonçalves da Cunha, diretora da DEF. “O que ele busca, hoje, é uma prática efetiva que garanta o desenvolvimento da criança”, completa Ana Lúcia Barros, supervisora de formação da DEF.

Crítica - Ana La Rubia, diretora adjunta da Escola Municipal Gurgel do Amaral, na Ilha do Governador, e dinamizadora do curso de formação, acredita que os professores estão mais críticos, exigentes e ávidos por informações. “Eles têm absoluta clareza de que ciclo é uma nova forma de conceituar a escola como espaço de formação e aprendizagem. Uma outra questão que muitos já entendem claramente é que o sistema seriado não representa o processo de desenvolvimento da criança”, informa Márcia Margareth Torres de Oliveira, outra dinamizadora e membro da equipe da Divisão de Educação da 8ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE).

Os nós a serem desatados passam, agora, pela avaliação; pela melhor forma de elaborar o relatório sobre cada aluno em uma

turma que, às vezes, tem 30 crianças; ou como envolver os pais na discussão sobre ciclo; ou ainda como estabelecer uma parceria com colegas para chegar a soluções conjuntas... Questões que tornaram rico o debate durante o último curso, realizado de abril a dezembro de 2002.

Na turma de Márcia, por exemplo, surgiram relatos de professores que se sentem inseguros na hora de fazer um planejamento para trabalhar com ciclos, outros que reconhecem que ainda é muito difícil desconstruir uma cultura de avaliação (de professores e pais) baseada no binômio aprovar/reprovar. “Cultura que, às vezes, nem está na escola. Mesmo aquele professor que tem uma visão ampla sobre avaliação acaba sendo cobrado socialmente”, explica Maria Cristina de Lima, que capacitou turmas de dinamizadores do curso no ano passado. “É muito comum os pais nos perguntarem se não vamos dar prova ou cobrar o porquê de seu filho ter ido para a turma de progressão”, emenda Maria de Fátima do Santos, da Escola Municipal Waldir de Azevedo Franco.

A dificuldade em lidar com alunos que não acompanham outros colegas de turma também é assunto recorrente nas turmas de capacitação - problema contornado por Lucilene Dantas, da Escola Municipal Padre Paulo com muita criatividade e dedicação (ver boxe). O trabalho desenvolvido na progressão é outro assunto muito debatido no curso.

Capacitação - Por conta disso, este tema será um dos focos do curso de capacitação deste ano, com previsão de início em abril. Isso porque persiste a ideia de que “a turma de progressão é um espaço para aquele aluno ‘incapaz de’”. O que é um equívoco. “A progressão não tem um caráter excluyente, pelo contrário, deve favorecer a inclusão. É mais uma possibilidade para o aluno constituir conhecimento, é um direito dele”, como explica Ana Lúcia.

O trabalho das turmas de progressão deve servir, na opinião de Ana Lúcia, para os professores refletirem sobre a prática desenvolvida no ciclo. Questões como o que ele pode fazer no ciclo para evitar que a criança chegue à progressão, quem são os alunos que estão hoje na progressão e de que forma uma turma de progressão se constitui devem servir de ponto de partida para esta reflexão.

A ideia da equipe da DEF é que a discussão que envolve avaliação e turmas de progressão se amplie a ponto de os professores começarem a questionar, por exemplo, a existência de dois sistemas na rede: o seriado e o ciclo. Ou pensar que trabalho deve ser feito nas terças e quartas séries para que cada vez mais alunos de ciclo sejam acolhidos.

Temas que já mobilizam a professora Lidia Noêmia de Carvalho, da Escola Municipal Pedro Moacyr, em Padre Miguel. “Dentro de uma mesma escola é possível encontrar profissionais com um olhar amplo e outros com uma visão cristalizada da educação. Isso dificulta o entendimento da organização por ciclos, mantém o desenvolvimento do conteúdo de forma progressiva e linear e fragmenta o percurso escolar dentro do ciclo e na passagem para a 3ª série e para o segundo segmento”.

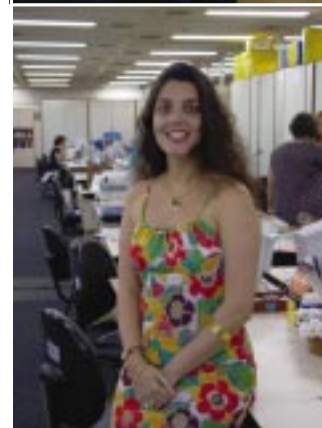
Embora a concepção de ciclo já esteja assimilada pela maioria dos professores, Ana Lúcia avisa que esta questão não será esquecida no curso. Temas desenvolvidos em outras capacitações, como sustentação teórica da escola organizada por ciclos, leitura e escrita, processo de desenvolvimento infantil, constituição de conhecimentos, trabalho pedagógico na diversidade, linguagem e desenvolvimento e letramento e alfabetização, também serão abordados nas aulas.

Temas que, na opinião de Ana Lúcia Barros, convergem para uma só questão: criar uma escola de qualidade que favoreça a inclusão. Reflexão que deve estar na pauta de discussão das escolas. ■



O curso de capacitação é oferecido todos os anos pela Diretoria de Educação Fundamental (DEF). Ele é gratuito e realizado, geralmente, a cada 15 dias em local estipulado pela equipe da SME.

Este ano, a previsão de início é abril, mas quem se interessar deve buscar informações na CRE mais próxima de sua escola.



Para Fátima Cunha (alto), diretora da DEF, e Ana Lúcia Barros, supervisora, professores estão mais preocupados, agora, com as questões que envolvem a prática em sala de aula

Parceria de sucesso

Lucilene Dantas de Jesus Lima, 31 anos e oito meses de magistério, passou os anos de 2001 e 2002 dando aulas para turmas de fase intermediária e final de ciclo na Escola Municipal Padre Paulo Correa de Sá, em Padre Miguel. Sua experiência poderia ser igual a outra qualquer não fossem as soluções encontradas para lidar com os alunos que não conseguiram acompanhar o resto da turma.

Entre as 30 crianças de uma das turmas de Lucilene, 10 estavam nessa situação. Em outras três turmas, casos semelhantes. Era junho e faltava poucos meses para o final do ano. “Eu e as três professoras fizemos uma reunião para ver como podíamos contornar a situação e evitar que os alunos fossem para a progressão. Decidimos que seria mais produtivo fazer um trabalho conjunto. Fizemos uma espécie de recuperação paralela com eles ao longo do ano”.

A primeira medida foi resgatar a auto-estima dessas crianças. “Criamos um material em conjunto só para eles”. Era um caderno de atividades, encapado, com o nome de cada um na frente em uma etiqueta. Lá os alunos registravam tudo. Ao longo dos meses, os cadernos eram mostrados para os pais das crianças que, orgulhosos, percebiam o progresso.

Uma outra medida foi separá-los em grupos a cada atividade desenvolvida. Ora formavam um grupo só, ora trabalhavam em “duplas proximais”. “As vezes trabalhávamos com atividades diversificadas e outras com a mesma atividade. Não era nada mirabolante. Se dávamos um problema, por exemplo, um grupo respondia, outro montava o problema. Da mesma forma, com atividades envolvendo leitura e escrita. Alguns escreviam, outros, em dupla, contavam uma história”, lembra Lucilene que, a cada dia, escolhia um grupo ou uma criança para fazer anotações para o relatório. “Foi a forma que consegui de não chegar no final do ano e ter que fazer um grande relatório de cada um, o que não sairia nada bom”.

Por mais que estivessem se esforçando, o trabalho das quatro professoras da Padre Paulo talvez não tivesse o mesmo êxito sem o apoio dado pela direção. “A direção nos concedeu um momento por semana para nos dedicarmos, exclusivamente, a esses alunos”. Elas faziam uma espécie de rodízio com as turmas e, juntas, planejavam o trabalho seguinte.

O resultado não poderia ser melhor. Dos 10 alunos de uma das turmas de Lucilene que estavam próximos da progressão, cinco foram promovidos para a terceira série, quatro foram para a segunda fase de progressão e um para a primeira.

Todos nós somos sujeitos sócio-históricos. Já ao nascer somos parte de uma cultura, com referências em um tempo e espaço determinados. Os momentos importantes que identificam as nossas vidas são marcadores que podem ser pessoais e/ou coletivos, registrados em uma linha de tempo contínua, única e sem fim. Os anos, dias, minutos e segundos são elementos indispensáveis para suprir a necessidade humana de entender, organizar, controlar o tempo, em diferentes contextos, espaços e culturas. Hoje, discute-se sobre as possíveis razões de serem estes mecanismos de organização de tempo, em períodos regulares, criações humanas que, pelo mau uso, acabam sendo responsáveis por desumanizar

a vida moderna. A sobrevivência nas grandes cidades cria ansiedades, altos níveis de estresse e toma a pressa por eficiência, como se fosse natural o estado de luta permanente contra o tempo e não a favor dele.

É hora de compreender as diferentes formas que os povos antigos usaram para relacionar-se com o tempo para entender, hoje, a relação de cada um de seu grupo social com o fator TEMPO.

Tempo e você: quem é dono de quem

Ao longo da história, algumas sociedades mediam o tempo a partir da observação do movimento dos astros. O nascer e o pôr-do-sol e as fases da lua eram apenas alguns recursos utilizados para regular o dia-a-dia. Mas a intenção de dominar, controlar e contar o tempo de forma minuciosa e precisa permaneceu viva ao longo da história como um desafio e um objeto de estudo.

Em 1500 a.C., os egípcios criaram o primeiro relógio de que se tem notícia. E, a partir disto,

outras descobertas possibilitaram o surgimento de novos aparelhos. Apareceram os relógios de água, de vela, de areia, de pêndulo, de bolso e de pulso. Com o avanço da ciência e das tecnologias, foram construídos outros tipos: os mecânicos, os eletrônicos, os digitais, os atômicos, os de quartzo e até mesmo os super-relógios - capazes de medir a temperatura do ar, a pressão atmosférica, o batimento cardíaco, de enviar e receber dados de um computador, de funcionar também como rádio, televisão, telefone - e, é claro, de contar precisamente as horas, os minutos, os segundos, os milésimos.

Ao mesmo tempo, a sociedade também procurou oficializar as relações do tempo com os diferentes espaços geográficos e sociais. Criou calendários que tinham o objetivo de regular a vida de todos os que viviam em

conjunto. Os sumérios foram os primeiros. Para eles, o dia era composto por 12 horas duplas, sendo cada hora dividida em 30 partes. Trinta dias equivaliam a um mês e 12 meses, a um ano. Para os romanos, em 800 a.C., a duração do ano era um pouco menor. Tinha 304 dias, divididos em 10 meses lunares, sendo 6 meses de 30 dias e 4 meses de 31. Na França, da época da revolução, o dia possuía 10 horas, compostas cada uma por 100 minutos. Anos antes, em 1582, o Papa Gregório XIII ins- ►



tituiu um novo calendário para os países cristãos: 365 dias, 12 meses e 52 semanas. Hoje, o chamado calendário gregoriano é adotado pela maioria dos povos. Tornou universal a mesma contagem do tempo em vários países, independentemente do local onde a pessoa se encontra, dos fusos horários, e das tradições locais.

Mas é lógico que o tempo é sentido de diferentes formas, estabelece referências complexas, possui diversos significados e valores agregados. Filósofos, físicos, historiadores, psicanalistas, sociólogos, antropólogos, artistas, operários, comerciantes possuem diferentes maneiras de concebê-lo. Já se sabe que o tempo sofre a influência da cultura e dos hábitos de cada povo. Ele é visto, interpretado e, principalmente, vivido internamente por cada indivíduo, levando em conta suas necessidades, sentimentos e percepções do mundo.

Desafio - Há o tempo da infância, da adolescência e da velhice. O tempo de brincar, de namorar, de casar. O tempo psicológico, o tempo dos amigos, da família, dos filhos, dos pais e dos diferentes grupos. O tempo físico. O tempo do faz-de-conta. O tempo do passado, do presente e do futuro. O tempo de aprender, o tempo de ensinar, o tempo de descobrir.

Compreender o tempo como uma forma de organizar os acontecimentos, ajuda a entender a medida de tempo como uma forma de análise da vida pessoal e coletiva. Neste sentido, muitas vezes, as pessoas têm a sensação de que o tempo voa. Outras, de que anda em marcha lenta. Para alguns indivi-

duos, o tempo é amigo, companheiro, parceiro. Para outros, inimigo, obstáculo, contratempo.

Atualmente, acredita-se que as 24 horas diárias não são suficientes para dar conta de todos os compromissos, atividades e necessidades que são assumidas e, por conseguinte, impostas constantemente. As pessoas estão sempre sem tempo. Reclamam que o dia termina e pouco ou nenhum tempo sobrou para dormir, se alimentar, namorar, passear, trabalhar, cuidar dos filhos, estudar...

Administrar bem o tempo tem sido uma espécie de missão impossível para a sociedade contemporânea. Desafio que um dos mais requisitados consultores na área de desenvolvimento pessoal dos Estados Unidos, Stephen R. Covey, tenta desvendar. Em seu livro "First Things First - Como Definir Prioridades Num Mundo Sem Tempo" (Editora Campus), ele afirma que as pessoas devem definir o que realmente é importante e urgente em suas vidas para que possam, de fato, gerir bem o seu tempo: "Duas coisas moldam o uso que fazemos do nosso tempo: a urgência e a importância. O problema é que os indivíduos vivem a chamada síndrome da urgência. A urgência tornou-se um símbolo de *status* em nossa sociedade. Se estamos sempre ocupados é porque somos importantes. A síndrome da urgência nos justifica, nos populariza e nos dá prazer".

Contradição - O que é, na avaliação do autor, uma boa desculpa para que os indivíduos não lidem com as verdadeiras prioridades de suas vidas. Isto porque grande parte das coisas importantes que contribuem efetivamente para o sentido da vida não é vista como urgente, apenas como importante: "Enfim, as coisas importantes, por não serem urgentes, são proteladas para um futuro incerto, para quando tivermos tempo".

Porém, essa sensação de falta de tempo parece ser contraditória, não? Afinal, as novas tecnologias e os inúmeros inventos surgidos no último século têm auxiliado o cotidiano desta mesma sociedade. As descobertas diminuíram as distâncias, facilitaram as comunicações, amenizaram o peso do trabalho e prolongaram a vida humana. Além disso, as invenções também possibilitaram ao indivíduo, por exemplo, fazer a mesma coisa em menos tempo e mais coisas neste mesmo tempo. Mesmo assim todos anseiam em ganhar, a todo custo, sempre mais tempo e têm cada vez mais medo de perdê-lo.

O jornalista francês Jean-Louis Servan-Schreiber, autor do livro "A Arte do Tempo" (Editora Cultural),

afirma que ganhar ou perder tempo não tem sentido. Segundo ele, temos todo o tempo disponível: "Afinal, temos em nosso poder a capacidade de mudar nossa atitude em relação ao tempo, fazendo bom ou mau uso dele. O paradoxo é que são raros os que acreditam que têm tempo suficiente, embora tenham a sua totalidade".

Mas por que então há este paradoxo? Jean-Louis conta que as pessoas têm a sensação de que não há tempo suficiente porque os seus desejos cresceram muito mais rapidamente do que o tempo de que dispõem. Há também uma outra explicação. Ele diz que o tempo da sociedade globalizada possui características marcantes, pois é único, rítmico e apertado - daí a impressão de que ele está sempre curto. "Único, porque o planeta está sincronizado até o último segundo. Só mudam os fusos horários e os números das horas. Rítmico, porque todos os hábitos sociais nos colocam em uma rede marcada por horas. Obedecemos aos horários de trabalho, das refeições, das reuniões, dos ban-

cos, das lojas, do noticiário ou da simples mamadeira do bebê. E, por fim, apertado, já que para subsistir materialmente nesta sociedade complexa, temos de ser mais capazes do que nossos antecessores".

E não faltam motivos para se acreditar nisto. Por exemplo: atualmente, muitas pessoas ainda fazem horas extras e buscam um segundo emprego face às necessidades de aumentar a renda familiar em virtude das dificuldades financeiras do cotidiano.

Menos trabalho - No entanto, ao contrário do que se pensa, é a própria jornada de trabalho que vem contribuindo - cada vez mais - para o aumento do tempo livre entre os cidadãos. As estatísticas mostram que estamos vivendo mais e trabalhando menos do que nossos antepassados e que, portanto, temos mais horas livres. Nas fases iniciais do capitalismo, no século XVII, a média da jornada de trabalho mundial chegou a 3.000 horas/ano, sendo que ao longo das revoluções industriais, nos séculos XVIII e XIX, al-

cançou picos de 4.000 horas/ano. A forte resistência e luta dos trabalhadores obrigaram os patrões e o Estado a aceitarem a redução da jornada.

Pelas contas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o brasileiro chegou ao fim do século XX dedicando, aproximadamente, 20% de sua vida ao trabalho. É, no mínimo, 30% menos do tempo dedicado ao trabalho no início do século. E as previsões são bastante otimistas: as pesquisas sugerem que lá pelo ano de 2030 as pessoas trabalharão 30 horas por semana e a expectativa de vida subirá para 88 ou 90 anos de idade.

Surpresa? Não para o sociólogo italiano Domenico De Masi. Em seu livro "O Ócio Criativo" (Editora Sextante), ele profetiza que - já em 2015 - os jovens de 20 a 40 anos disporão de aproximadamente 300 mil horas de tempo livre: "Subtraída a infância e os oito anos de escola obrigatória, o tempo que sobra, livre do cansaço e do sono, superará as 300 mil horas. Isto porque, hoje, é possível produzir sempre mais bens e serviços com menos trabalho humano. Significa que o tempo gasto com o trabalho, para um jovem de 20 anos, representará apenas um sétimo de todo o tempo que ele deverá viver".

Sorte deles. Nossos bisavós, afirma Domenico, viviam apenas 300 mil horas. Destas, trabalhavam 120 mil e dormiam 94 mil, quase que uma hora a mais do que nós para recuperar as forças. Descontados os anos da infância e da escola primária, lhes restavam apenas 23 mil horas para se dedicarem às atividades domésticas, à diversão e à velhice.

Talvez tudo isso soe estranho para algumas pessoas ou seja até mesmo difícil de acreditar. Domenico explica que isto acontece porque "infelizmente, todas as instituições que cuidaram e que cuidam dos indivíduos - principalmente a família, a escola e as entidades religiosas - os prepararam, de uma forma obsessiva, para trabalhar, relegando o lazer a segundo plano, o mistificando como algo menor e sem importância".

O que é comprovado no nosso dia-a-dia. A maioria quase que absoluta da população tem apenas contato com o lúdico nos primeiros anos de sua vida. Em seu estudo "A importância da educação para o lazer na sociedade do ócio e seus benefícios para o turismo", a pesquisadora Janine Schmitz afirma que, a partir do final da infância, os indivíduos são preparados - entaticamente - para o trabalho: "Durante toda a vida adulta fazem da profissão um referencial, o centro da sua existência, sendo muitas vezes identificados e identificando-se mais pelo cargo que ocupam ou pela empresa em ▶





que trabalham do que pelo próprio nome”.

Nova rotina - Por conta disso, aceitar, admitir e praticar o lazer e promover a chamada educação para o lazer talvez demore um pouco para se tornarem ações concretas e práticas. Até que isto se transforme em uma rotina no cotidiano das pessoas, Janine acredita que muitas “ficarão desorientadas com a quantidade de tempo livre que terão para ocupar com outras atividades que não o trabalho”. Domenico De Masi completa: “O século XX foi guiado pelos países que organizaram o mundo do trabalho. O século XXI será dominado pelos países que souberem gerenciar o tempo livre. Mas o problema é que a família, a escola, o governo e a própria mídia preocupam-se em preparar os jovens para a profissão, mas ninguém se preocupa em prepará-los para o tempo livre, para o ócio, para o lazer”.

O que de certa forma é compreensivo. A ideia de lazer confunde-se com a de ócio e assume um caráter negativo. Em geral, incentiva-se socialmente o lazer como atividade que visa à reposição de forças para o trabalho.

Talvez pouca gente saiba, mas oficialmente - pelo menos no âmbito das leis -, o lazer não é um privilégio, muito menos é visto negativamente. É, pelo contrário, um direito contemplado na Constituição Brasileira de 1988. O artigo 6º afirma que “são direitos sociais: a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”. E mais: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Preparar as crianças e os jovens para o tempo livre é portanto prioritário. Mais ainda do que se imagina. Domenico De Masi frisa que o tempo livre pode transformar-se em violência, neurose, vício e preguiça: “Mas, com certeza, este tempo livre também pode ser traduzido em arte, em criatividade e em liberdade. É no tempo livre que passamos a maior parte de nossos dias e é nele que devemos concentrar nossas potencialidades”.

Autonomia - Assim também acredita a proposta curricular da Rede Municipal de Ensino do Rio. A Multieducação confere ao tempo um espaço privilegiado, considerando-o como um núcleo conceitual que faz parte do cotidiano escolar: “Nosso ser futuro, para ser sujeito autônomo, depende, portanto, em certa medida, da capacidade de nos apropriarmos de nós mesmos, do nosso tempo (histórico e cronológico) e do nosso espaço (social, afetivo, profissional e político)”.

É o que vem defendendo, na teoria e na prática, a professora de Educação Física Maria Fátima Paiva da Silva, da Escola Municipal Jônatas Serrano, em Guaratiba, Zona Oeste, Rio de Janeiro. Em 1998, ela concluiu sua dissertação de mestrado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). O estudo “Educação e Lazer: uma contribuição à análise

do programa Clube Escolar (1993/1997)” destrinchou a importância deste projeto na construção da identidade das crianças e constatou que o programa funciona como um norteador para a chamada educação para o lazer: “De certa forma, o programa proporciona ao indivíduo a autonomia necessária para que escolha qual atividade lúdica quer realizar. O que para mim se constitui na verdadeira educação para o lazer. A escola deve favorecer a vivência de diversas atividades para que seus alunos possam ter autonomia de praticá-las, ou não, em seu tempo livre. O programa dos Clubes Escolares, dos Núcleos de Arte e até mesmo dos Pólos de Educação pelo Trabalho tendem a trabalhar nesta direção”.

Propiciar, portanto, a crianças e jovens a vivência e a prática de

diversas atividades lúdicas, esportivas e artísticas, sem o comprometimento com a área do trabalho, é um caminho a ser seguido pelo professor e, talvez, uma boa forma de educá-las para o lazer. Porém mais importante é dar autonomia de escolha, para que estas mesmas crianças e jovens tomem, hoje e amanhã, suas decisões conscientemente, sem imposições e modismos. Pois a mesma modernidade que oferece sofisticados equipamentos que economizam tempo, também aperfeiçoa aparelhos e sistemas que preenchem o tempo livre, como, por exemplo, a TV. Atualmente, pesquisas mostram que crianças passam, em média, de três a quatro horas diárias, diante da televisão. A mídia televisiva, neste sentido, é um poderoso recurso para preencher o tempo livre que, também, deve ser objeto de crítica e de escolha.

Educação - Pensar em uma educação para o lazer se faz necessário mais do que nunca. “Pois se não educar as pessoas para investirem seu tempo livre no desfrute de atividades gratificantes que contribuam para o seu crescimento pessoal, que possibilitem uma vida mais saudável e recompensadora, de que servirá o tempo livre?”, indaga a pesquisadora Janine Schmitz, que complementa: “Este tempo poderá tornar-se não só inútil, mas fator de desencadeamento ou agravamento de problemas”.

Preparar a escola para o tempo do lazer, na verdade, passa pela reformulação de todo o seu tempo. Passa pela redefinição do tempo de aprender, de ensinar, de avaliar e de brincar. Passa pela possibilidade de se revestir de prazer - desafio produtivo - as horas em sala de aula, as horas do recreio e dos intervalos. Passa pela redistribuição do tempo de estudar, de conhecer, de falar, de ouvir, de ver e de sentir. Tudo isto que deve interagir com o tempo escolar - o ano letivo - período único e particular. “Se compreendermos o sentido radical e profundo que isto tem para a vida humana, saberemos lidar à altura com a responsabilidade de educar crianças e jovens, contribuindo, de alguma forma, para que o tempo de suas vidas valha a pena”, destaca a Multieducação. ■

De tempos em tempos

“Se vocês conhecessem o tempo tão bem quanto eu conheço”, diz o chapeleiro, “não falaria em gastá-lo como se fosse uma coisa. O tempo é uma pessoa”.
Lewis Carroll - “Alice no país das maravilhas”

“O capitalista rouba o tempo que deveria ser usado para respirar o ar livre e gozar a luz do sol”.
Karl Marx - citado em “Histórias do tempo”, de Jacques Attali

“É uma pena que o intervalo entre o momento em que somos muito jovens e aquele em que somos muito velhos seja tão pequeno”.
Montesquieu - “Meus pensamentos”

“O tempo em si é um absurdo. O tempo só existe para alguém que sente”.
Friedrich Nietzsche - “O livro do filósofo”

“Não é o tempo que é dado, mas o instante. Com um instante dado, você deve fazer o tempo”.
Georges Poulet - “O ponto de partida”

“Teoricamente, sabemos que a terra gira, mas nós não percebemos; o solo que pisamos não parece mexer-se e vivemos tranquilos, o mesmo acontece com o tempo de nossa vida”.
Marcel Proust - “Em busca do tempo perdido”

“Não queremos perder nada de nosso tempo: talvez existam outros melhores, mas este é o nosso...”
Jean-Paul Sartre - “Situações I”

“O grande mago fez primeiro esta pergunta: entre todas as coisas do mundo, qual a mais longa e a mais curta, a mais rápida e a mais lenta, a mais esquecida e a mais lamentada, sem a qual nada se pode fazer, que devora tudo o que é pequeno e que vivifica tudo o que é grande? Uns disseram que a palavra do enigma era a fortuna, outros, a terra, alguns, a luz. Zadig disse que era o tempo. Nada é mais longo, falou, pois ele é a medida da eternidade; nada é mais lento para aquele que espera; nada é mais rápido para aquele que goza; estende-se até o infinito; todos os homens o esquecem; todos lamentam a sua perda; nada se faz sem ele; faz esquecer tudo o que é indigno da posteridade e imortaliza as grandes coisas”.
Voltaire - “Discurso em verso sobre o homem”

Artigo/Maria Inês de Carvalho Delorme*

Tempo de Transformar

Mesmo reafirmando suas normas incontestáveis - de que ele não pára (continuidade), de que muitas coisas acontecem ao mesmo tempo (simultaneidade) e de que há períodos regulares que se repetem, como as horas, os minutos e segundos, os dias, os meses e anos, as décadas etc. (periodicidade) - há nítidas formas de expressar de que maneira cada um entende, vê, se relaciona, organiza-se e é organizado com ou pelo tempo.

Na escola, onde os professores e alunos costumam permanecer pelo menos por 800 horas/ano a gestão do tempo é igualmente difícil. É desejado que os professores tirem o máximo de proveito possível do período em que estão com seus alunos. No entanto, a determinação de prioridades para o ano letivo, para a semana, para cada dia e momento, nem sempre é norteada por critérios técnicos e pedagógicos, mas por urgências de outros ordens que precisariam ser avaliadas.

É comum acontecer, por exemplo, de professores e alunos terem que suspender uma aula de matemática num momento absolutamente crucial, que precisaria se estender por 15 ou 30 minutos depois do soar da campainha avisando o fim daquela aula, o início de uma outra, a entrada iminente de outro professor, de uma outra área. Também nas classes de Educação Infantil as brincadeiras são muitas vezes interrompidas por causa da hora do banho, hora das refeições, e assim por diante.

Ou seja, a despeito do compromisso do educador, do desejo/interesse dos alunos e dos critérios que indicariam a importância de se dar continuidade à aula anterior, o recorte do tempo se torna imperioso indicando o fim. Acrescente-se aí o reconhecimento e o respeito necessários aos diferentes tempos de cada um dos alunos, que compõem uma turma, para que cada um deles possa estabelecer as relações necessárias à constituição de conhecimentos, conceitos e valores novos.

Cada um tem seu tempo e seu ritmo próprios, o que vale para professores e alunos. Hoje em dia, e cada vez com maior intensidade, justifica-se em grande parte o fracasso escolar em função do pequeno destaque que se dá às diferenças de experiências prévias, de etnias, de práticas culturais etc. que se expressam no encontro cotidiano de alunos e professores, em sala de aula. Com isso, um desafio muito atual e oportuno para educadores consiste em entender o espaço escolar como um lugar essencialmente coletivo, de encontro de diferenças. E mais, sabe-se que o "encontro das diferenças" é o que garante ao espaço escolar seu caráter necessariamente polifônico (aquele que acolhe todas as vozes) e polissêmico (todos os sentidos), aspectos imprescindíveis para a constituição de conhecimentos novos.

Isto posto, cabe refletir para transformar, de maneira mais favorável às relações entre professores e alunos, o que deve ser considerado como valor agregador ao "fator tempo" para que se efetive a atividade fim da instituição escolar. Por exemplo, o que deverá ser considerado como tempo ganho ou como tempo perdido, quando se defende que o conhecimento escolar se constitui a partir da relação entre professores e alunos? Que critérios deverão ser usados para o estabelecimento "dos tempos" que organizam cada instituição escolar, considerando-se sua atividade fim? De que maneira as relações entre espaço/tempo podem favorecer ou obstaculizar o sucesso escolar?

É claro que a unidade escolar precisa se organizar, administrar o seu tempo, para que todos tenham condições de viver outras situações que não sejam, apenas, estudar e trabalhar, na escola. No entanto, não estamos impedidos de sonhar com uma transformação estrutural na gestão do tempo onde o previsto e o estipulado para cada disciplina possam vir a

ser alterados, de forma autônoma e conseqüente, pelos professores respeitando as demandas, os desejos e as reais necessidades dos alunos.

Hoje, no Brasil, há um movimento acontecendo em vários estados e municípios, também no Rio de Janeiro, que se destina a discutir a gestão do tempo/espaço e que vem apoiar novas formas de organizar a escola em ciclos e não mais em séries. Nada pode garantir que esta nova proposta de organização, por si só, venha trazer melhores condições para o sucesso dos alunos e de seus professores, mas, sem dúvida, está posta a discussão sobre o gerenciamento do tempo escolar e seus possíveis impactos na constituição de conhecimentos, conceitos e valores, atividade fim da instituição escolar. ■

*Diretora do Núcleo de Publicações da MULTIRIO



É hora de estudar

A hora é boa para quem está pensando em fazer mestrado ou doutorado. Os editais dos programas de pós-graduação estão previstos para serem divulgados até julho e as provas realizadas em meados do segundo semestre. Com tempo suficiente para se preparar para o exame de seleção, o momento é de se informar sobre as opções de curso. Para facilitar esse trabalho, Nós da Escola fez uma seleção do que há disponível nas principais universidades do Rio. Confira:

► Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC)

Área: Educação

Linhas de pesquisa:

- Formação de Professores: tendências e dilemas

- Educação, Relações Sociais e Construção Democrática

- Processos Culturais, Instâncias de Socialização e a Educação História das Ideias e Instituições Educacionais

Informações:

Faculdade de Educação

Rua Marquês de São Vicente, 255 - Prédio Cardeal Leme, 10º andar - Gávea - RJ

Tels.: 3114-1815/1816/1817/1818

www.puc-rio.br/educacao/

Área: Psicologia

Linha de pesquisa:

- Linguagem e Construção da Subjetividade

Informações:

Rua Marquês de São Vicente, 225, casa XV - Prédio Cardeal Leme, sala 201 - Gávea - RJ

Tels.: 3114-1183/1186

www.puc-rio.br/psicologia

► Universidade Federal Fluminense (UFF)

Área: Educação

Linhas de pesquisa:

- Ciências, Sociedade, Educação

- Cotidiano Escolar

- Educação Brasileira

- Linguagem, Subjetividade, Cultura

- Movimentos Sociais e Políticas Públicas

- Trabalho e Educação

Informações:

Faculdade de Educação

Campus do Gragoatá, bloco D, 3º andar, sala 318 - Gragoatá - Niterói - RJ

Tels.: 2618-3382, 2620-6935 e 2717-1281

www.uff.br/edu

► Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Área: Educação

Linhas de pesquisa:

- Educação e Sociedade

- Planejamento, Política e Gestão Educacional

Informações:

Faculdade de Educação

Av. Pasteur, 250/fundos - Urca - RJ

Tel.: 2295-4047

www.ufrj.br

► UNI-Rio

Área: Memória Social e Documento

Linhas de pesquisa:

- Memória e Espaço

- Linguagem, Informação e Reprodução Cultural

Informações:

Secretaria do Curso de Mestrado em Memória Social e Documento

Avenida Pasteur, 458 - Urca - RJ

Tels.: 2541-9825, 2295-9749 e 2542-8237

www.unirio.br

► Universidade Estácio de Sá

Área: Educação

Linhas de pesquisa:

- Educação, Representações e Identidades

- Meio Ambiente, Trabalho e Políticas Educacionais

- Novas Tecnologias e Processos Educacionais

Informações:

Vice-reitoria de pós-graduação e pesquisa

Avenida Presidente Vargas, 642, 22º andar, Centro - RJ

Tels.: 2206-9741/9742

www.estaciodesa.com.br

► Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Área: Educação

Linhas de pesquisa:

- Conhecimento, Autonomia e Participação

- Educação Especial

- Cultura e Cotidiano Escolar

- Linguagem e Processos Educacionais

Informações:

Programa de Pós-Graduação em Educação

Rua São Francisco Xavier, 524, Grupo 12.037 - F - Maracanã - RJ

Tel.: 2587-7535

www.uerj.br

Janela aberta para o planeta

Planetário oferece programação cultural gratuita

Aparelho ótico-mecânico-elétrico que reproduz com precisão científica o céu com todos os seus astros e movimentos

Conhecimento e divertimento. Talvez, o binômio possa sintetizar o trabalho que vem sendo realizado pela Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro. Localizado na Gávea, Zona Sul da cidade, o espaço tem o mais moderno **planetário** da América do Sul. Em uma sala circular, o público pode ver todas as estrelas, as constelações, os planetas, os cometas, as estrelas cadentes e outros fenômenos astronômicos.

Aberto ao público em geral e com sessões voltadas exclusivamente para as escolas, o planetário existe desde 1970. A história de sua criação é tão curiosa quanto é o universo que podemos descobrir no interior das duas cúpulas Galileu Galilei e Carl Zeiss. Durante o regime militar, o Brasil fez acordos comerciais com países europeus. Por conta disto, recebeu equipamentos científicos de última geração, entre eles seis planetários. A maioria tinha endereço certo: o sul do país. No entanto, um deles - por pressões políticas de grupos de astrônomos e educadores cariocas - acabou ficando na cidade do Rio, inaugurando o então Planetário da Gávea.

De lá pra cá, a instituição cresceu. Foi se transformando em um centro de estudo e de difusão do conhecimento científico e de

apoio à educação escolar - um dos poucos espaços do país, aliás, que conta com uma equipe de astrônomos em seu quadro de pessoal. O sucesso na cidade e a qualidade do trabalho foram tão importantes que, em 1998, o planetário foi ampliado. Na época, foi inaugurado o Espaço Museu do Universo e adquirido outro moderno projetor, modelo Universarium VIII, instalado em uma nova cúpula: a Carl Zeiss, com capacidade para 277 pessoas.

Além das sessões de cúpula, que apresentam conteúdos de ciências de forma lúdica

e interativa, o Planetário também oferece uma extensa programação: há exposições, exibição de filmes, projetos musicais e observações telescópicas - que acontecem todas as quartas-feiras, a partir das 19h30min, com entrada franca. Por meio de telescópios, o público viaja no espaço, identificando estrelas, planetas, fases da lua e eclipses. De dia há também uma sala reservada à observação do sol.

O sucesso pode ser medido de acordo com o número de visitantes. No ano passado, só de estudantes foram 120 mil. Os professores da Rede Municipal de Ensino do Rio também têm vez. Podem, inclusive, participar de cursos, oficinas, seminários e palestras oferecidos pelo espaço durante o ano todo. Seus alunos também têm passe livre na instituição que mantém um canal direto com as escolas para marcar visitas.

Carmem Ibarra, presidente do Planetário, adianta que a idéia é divulgar cada vez mais as atividades do local: "Queremos tornar o Planetário em um centro cultural de divulgação científica da cidade". Para isso, em breve, o espaço contará com telescópios novos e mais modernos, bem como experimentos interativos que farão parte de uma exposição permanente. ■



Planetário da Gávea

Rua Vice-Governador Rubens Berardo, 100 - Gávea - RJ

Telefones: (21) 2274-0046 e (21) 2274-0096 • e-mail: astronomos@pci-rj.gov.br

As escolas podem agendar visitas pelo telefone (21) 2540-0610

Os filmes da sessão de cúpula

"O príncipe sem nome", de Luis Guilherme Haun (40 min) - Um menino encontra um príncipe em um planeta bem distante e o convida para uma viagem fantástica pelo espaço até a Terra, quando eles conhecem os planetas, as estrelas e as constelações. Indicado para crianças dos 4 aos 7 anos. Conteúdo: características dos planetas e das estrelas.

"Nordoön e Shalissa: um encontro cósmico", de Órmiss Rossi (40 min) - Duas crianças resolvem fazer uma viagem espacial para se certificarem de que a Terra realmente fica ao redor do Sol, como citado em seus livros escolares. Durante a viagem, encontram Nordoön, um viajante extraterrestre que procura água para seu planeta. São discutidos temas diversos sobre os corpos celestes e a importância da preservação ambiental. Indicado para o público acima de 8 anos. Conteúdo: os corpos celestes, os movimentos da Terra (rotação e translação), as características dos planetas e das constelações e a importância da preservação da natureza.

"Os astromaltas", de Alexandre Cherman (30 min) - Uma garota vem do futuro para levar o público em um passeio espacial, mostrando os movimentos da Terra, da Lua e dos planetas ao redor do Sol. Indicado para o público acima de 7 anos. Conteúdo: o filme aborda a questão dos eclipses e dos movimentos da Terra, da Lua e dos planetas ao redor do Sol.

"O planeta azul", de Domingos Bulgarelli (50 min) - Em um planeta distante, uma mensagem do passado é recebida. As fantásticas revelações que se seguem relatam a origem de nosso sistema solar. Indicado para o público acima de 10 anos. Conteúdo: o sistema solar, desde a formação até as características individuais dos planetas.

"Contemplando o cosmos", de Órmiss Rossi (30 min) - O programa aborda as mais recentes descobertas da Astronomia relativas a aglomerados de galáxias, buracos negros, nascimento e morte das estrelas, novos planetas, por meio de imagens do céu obtidas pelo telescópio espacial Hubble e outras descobertas captadas por sondas planetárias. Indicado para o público acima de 10 anos. Conteúdo: cosmologia e história dos planetas.

O relógio de sol e o pêndulo de Foucault são as atrações preferidas das crianças



A equipe do Planetário desenvolve atividades lúdicas

Carmem Ibarra, presidente do planetário, e Órmiss Rossi, astrônomo

Para sua atualização

As árias das mais famosas óperas de todos os tempos, além de animações de livros de literatura infantil e um debate sobre ética são os destaques deste número.



reprodução

TV As Árias de Tebaldo



Sinopse

A série é composta por 10 episódios que destacam as árias de óperas famosas, animadas e adaptadas a cenários contemporâneos. O programa valoriza as diferentes linguagens artísticas, como a música e as artes plásticas e cênicas.

Na Escola

O programa favorece e amplia o trabalho do professor com as diferentes linguagens artísticas, já que é possível observar estreita relação que há entre a música, as artes plásticas e as artes cênicas. Ao mesmo tempo amplia as informações sobre as artes, incentivando a realização de pesquisas e consultas após a exibição do vídeo, que pode ser realizada separadamente ou em um projeto interdisciplinar (História e Artes, por exemplo). Além disso, os episódios abordam, com humor, os conflitos da existência humana e suas paixões. Professores das 7ª e 8ª séries podem propor atividades interessantes a partir destes episódios.

Propostas de Trabalho

- ★ A partir das árias, propor aos alunos que reconstituam a época histórica em que a cena se passa.
- ★ Propor uma investigação biográfica sobre os grandes cantores de ópera é uma boa opção de trabalho. Os alunos podem pesquisar a vida dos cantores, a época em que viveram e a história de seus países de origem.

Área de Conhecimento
Linguagens Artísticas e História

Ficha Técnica
Tipo de produção: Animação
País: França
Duração: 5 minutos



Revista

Entrevista com o filósofo Leandro Konder



reprodução

Área de Conhecimento
Ética

Ficha Técnica
Tipo de produção: Reportagem
País: Brasil

Sinopse

Entrevista realizada com o filósofo Leandro Konder, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). O texto trata da importância dos princípios éticos, estéticos e políticos à luz da filosofia. A entrevista foi conduzida por duas jornalistas da MULTIRIO e duas diretoras de escolas municipais do Rio. A conversa teve como ponto de partida a afirmação de que educar exige perspectiva de futuro.

Na Escola

A entrevista dá destaque para a definição de Ética e de Moral e como estas terminologias têm reflexos no espaço escolar, mesmo levando em conta que a ética e a cidadania são dimensões do ser humano que atualmente vivem em crise na sociedade. Como estimularmos a autonomia sem valorizar o individualismo? Como a escola pode favorecer a preservação da autonomia e ao mesmo tempo conservar valores ligados à solidariedade?

Propostas de Trabalho

- ★ Aproveite a entrevista para colocar em pauta nas reuniões de planejamento e avaliação os valores que sustentam os projetos de trabalho e as relações sociais da sua comunidade escolar. Não esqueça que novos valores podem ser constituídos a partir destas reflexões. A definição de condutas pedagógicas naturalmente tem sustentação em valores que definem a escola que queremos. Você também pode consultar a entrevista completa em <http://www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola/revista/index.asp>



Reprodução

TV

Rio, a Cidade! - Especial Guggenheim

Sinopse

O programa discute questões relativas à vida na cidade do Rio de Janeiro, com a preocupação de tornar transparente a gestão pública, permitindo que os cariocas interajam com os administradores da cidade. O programa traz reportagens, entrevistas no estúdio e a participação do carioca por fax, e-mail e telefone.

Na Escola

Este especial “Rio, a Cidade!” sobre a construção do Museu Guggenheim-Rio, na Praça Mauá, tem o objetivo de informar à população sobre como estão sendo discutidas e organizadas as questões que envolvem a construção do museu e as responsabilidades das secretarias das Culturas e de Urbanismo. O trabalho do arquiteto francês Jean Nouvel, responsável pela concepção do projeto, também é abordado no programa. A construção do museu faz parte de um amplo programa da Prefeitura do Rio, que visa a revitalização da zona portuária da cidade. Durante o programa, as reportagens e entrevistas levam o espectador a compreender a importância do museu para a cidade do Rio e para a arte brasileira.

Propostas de Trabalho

★ Com base no projeto de revitalização da zona portuária e nas modificações do espaço urbano que a construção do museu provocará, os professores de História e de Geografia podem realizar, com os alunos, uma pesquisa sobre o processo de mudança que a paisagem e o espaço urbano da cidade do Rio vem sofrendo ao longo das últimas décadas. O Museu Histórico Nacional, o Arquivo da Cidade e a própria Secretaria Municipal de Urbanismo do Rio de Janeiro são boas fontes. As aulas-passeio podem ser promovidas para a realização de um projeto de fotografia, que complementar as informações que forem recolhidas durante a pesquisa.

★ Um estudo sobre o planejamento urbano da cidade, fruto de políticas públicas, permitirá que os estudantes desenvolvam a consciência da cidadania, da solidariedade e da co-participação, como sujeitos comprometidos com a história de sua cidade.

(mais Guggenheim na página 13)



Área de Conhecimento
Atualização

Ficha Técnica
Tipo de produção: Jornalístico
País: Brasil
Duração: 30 minutos



Reprodução

TV

Os Álbuns

Sinopse

A série é composta por 26 programas que contam, em linguagem de animação, histórias de livros infanto-juvenis. Valoriza-se a linguagem poética e humorística para abordar temas ligados aos sentimentos humanos.

Na Escola

O programa é um excelente instrumento de trabalho para as áreas de literatura e artes plásticas. Com este produto, o professor de Língua Portuguesa pode, por exemplo, estabelecer parcerias proveitosas nestas áreas de conhecimento. As histórias ajudam e enriquecem a abordagem de alguns temas como o medo, a solidão, a perda, a agressividade e a violência. A construção de um projeto de trabalho que desenvolva diferentes formas de leitura de imagens e de compreensão textual terá como resultado a motivação de alunos e professores a entrarem em contato com a literatura infantil.

Propostas de Trabalho

★ Proponha aos seus alunos da Educação Infantil às séries iniciais, divididos em duplas ou em pequenos grupos, que as histórias selecionadas por eles sejam recontadas e ilustradas. Escolha um momento da semana para que todos os estudantes possam avaliar as histórias de todos os grupos.



Área de Conhecimento
Literatura

Ficha Técnica
Tipo de produção: Animação
País: França
Duração: 5 minutos

Programação MULTIRIO

Canal 3 da Net

Diariamente, das 7h30 às 11h30

BandRio

De segunda a sexta-feira, das 7h às 8h e das 14h às 15h
Sábado e domingo, das 10h às 11h

Estas propostas são feitas a título de sugestão. Não é nossa intenção passar receitas ao professor. Consideramos que todos os vídeos podem ser usados por todos os segmentos, em parte ou totalmente. Quem deve fazer esta opção é você, professor!



Irmãs de samba

O papel da mulher no universo da escola de samba

“Para mim meu conhecimento da África conserva todo o sabor dessa ternura maternal... aquela paciência infinita na oferta de suas sabedorias. Terei me conservado digno delas?” Roger Bastide

Sempre me interessei pela arte do samba, já que foi meu pai quem primeiro me fez ver a grandeza dos carros alegóricos que decorava como assistente de Joãozinho Trinta e Fernando Pamplona. Aos 9 anos, desfilei pela primeira vez em uma escola. Foi uma emoção inesquecível e muito marcante na minha vida.

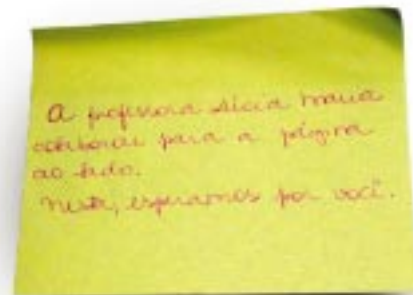
Minha dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), traz, como tema central, os papéis femininos historicamente relevantes no universo da escola de samba. A condição feminina neste contexto cultural revela funções e representações que também permitem a releitura do processo histórico de formação e transformação dessas agremiações carnavalescas.

Desde as batidas dos tambores e rodas de samba nos fundos dos quintais, a luta contra a repressão policial até a explosão cênica e plástica na passarela do Sambódromo, as mulheres trazem a marca da religiosidade e da liderança na figura das “tias” (as mães afro-brasileiras); a habilidade e criatividade das profissionais carnavalescas e assistentes e o encantamento e sedução nas avenidas dos desfiles, com samba no pé, nas mãos (vide hoje as baterias femininas), com suas saias de rodas (nossas baianas) ou como pássaros travestidos da beleza das rainhas em seus destaques de carnaval. Sua identidade cultural se faz conjugando-se rotina e ritual, vida e sonho, arte e folia.

Foram as minhas irmãs de samba, as ‘células’ femininas das escolas de samba, Tia Ciata da Praça XI, Tia Eva Monteiro (8ª geração de Jongo da Serrinha) e Tia Cotinha (memória da Mangueira); as grandes damas, Dona Neuma e Dona Zica; as vozes femininas, Chiquinha Gonzaga e Dona Ivone Lara; as carnavalescas Maria Louise Nery, Maria Augusta, Rosa Magalhães e Lúcia Lacerda; os destaques históricos Paula do Salgueiro e Isabel Valença.

Os papéis desempenhados pelas mulheres ligadas ao samba e ao desfile das escolas de samba englobam a formação, idealização, produção e organização das agremiações carnavalescas. Essas mulheres, como outras mulheres profissionais, transcenderam os limites domésticos, diminuíram as diferenças de gênero e marcaram seus espaços, estilos e identidades culturais, com muita criatividade, o que, sem dúvida, constrói um cenário de referências simbólicas para todas nós e para o dia 8 de março – Dia Internacional da Mulher. ■

*Professora Lúcia Maria Martins, da Escola Municipal Silveira Sampaio



Se você quiser colaborar para esta nova seção nos envie seu artigo por e-mail (dpub_multrio@pcrj.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em letra Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista.

FILMES

Jumanji

Dois garotos encontram um jogo mágico, chamado Jumanji, guardado há 100 anos dentro de um baú. Ao brincarem, descobrem que o jogo tem vida própria e acabam vivenciando, na prática, uma série de aventuras e perigos. Enquanto o jogo se desenrola, a cidade onde vivem se transforma em um caos - animais selvagens, plantas assassinas e caçadores saem do tabuleiro e ganham vida. Para salvar a cidade, os meninos precisam ganhar o jogo.

(Direção: Joe Johnston/Duração: 107min)

Feitiço do Tempo

Um repórter de televisão - que faz previsões de meteorologia - se dirige a uma pequena cidade para fazer uma matéria especial sobre o inverno. Querendo ir embora o mais rapidamente possível, ele inexplicavelmente fica preso no tempo, sendo condenado a repetir sempre os eventos daquele dia.

(Direção: Harold Ramis/Duração: 97min)

LIVROS

Para a garotada



Poesia Essencial

Roseana Murray
Editora Manati (2002)

Essencial é a poesia deste livro porque busca representar a essência de uma obra. É essencial, também, porque representa uma obra carregada de sentimentos poéticos nascidos de uma percepção acurada da essência da vida e do universo. E é essencial, sobretudo, porque revela-se em uma linguagem-emoção simples e penetrante,

tal qual um veio de água que brota na escritora e segue seu caminho no leitor.

TV-VÍDEOS

Multieducação

Programa interativo, onde apresentadora e convidados debatem o Núcleo Curricular Básico, a Multieducação, destacando o papel da escola na sociedade.

Programa nº 6 - Aborda a temática do tempo no espaço da sala de aula, lugar de construção de conhecimentos, de valores e de encontros e desencontros. (Duração: 56min)

Programa nº 8 - Tempo e as lições do tempo. (Duração: 56min)

Programa nº 44 - Tempo de alfabetizar, tempo de avaliar. (Duração: 56min)

Marcas do Tempo

Utiliza imagens de impacto, trazendo emoção e informação. Reportagens recuperam a história da humanidade do século XX. A série permite a ampliação do universo cultural dos jovens e favorece a reflexão sobre o presente. Trata-se de uma produção da série canadense "Cenas do Século". (15 programas/Duração: 26min)



AGENDA

CURSOS

A Universidade Carioca está oferecendo cursos de pós-graduação *lato sensu* na área de educação, com especialização em Informática Educativa, Docência do Ensino Superior, Educação à Distância e Mídia e Educação. Informações pelos telefones (21) 2502-9668, (21) 2502-1001 ramal 112 ou pelo site www.unicarioca.edu.br/posgrad

ARTES

Promovida pela Coordenadoria Regional de Cultura da Zona Oeste e pela XXVI Administração Regional, a Feirarte Pedra de Guaratiba divulga os trabalhos de artesãos da Zona Oeste. A feira acontece todos os sábados na Praça São Pedro, em Guaratiba, das 9 às 18h. Informações pelo telefone (21) 2417-1414.

PORTINARI E CARNAVAL

No ano em que se comemora o centenário de nascimento de Cândido Portinari, a Casa da Ciência da UFRJ, em parceria com o Projeto Portinari e o GRES Paraíso do Tuiuti, apresenta a exposição "Portinari nos ateliês do samba", que mostra parte importante do processo de pesquisa, criação e produção de um desfile de escola de samba. A mostra ficará em cartaz até o dia 13 de abril. A entrada é franca. Informações pelo telefone (21) 2542-7494.

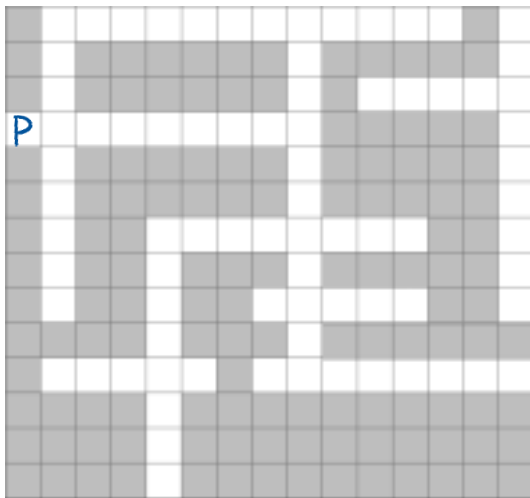
EU
TU
ELE
NÓS
VÓS
ELES

você é um de NÓS DA ESCOLA



PARTICIPE.

Responda a pesquisa encartada na Revista 11 e garanta seu lugar junto de Nós



5 letras
PACTO
PODER
PASSO

8 letras
POSSÍVEL
PROCESSO
PERCURSO

9 letras
PRODUTIVO
PARADIGMA
PARTILHAR

11 letras
PLURALIDADE
12 letras
PARTICIPAÇÃO

NÓS DA ESCOLA

No próximo número:

Projeto Político-pedagógico

central de atendimento: (21) 2528-8282
ouvidoriainformacao@pcrj.rj.gov.br

